

Ressaca Literária

Ano 2 , nº 3 Maio de 2018



revista de poesia, prosa et cetera



Patrocínio



• ACADEMIA DE INGLÊS •

Washington®



Endereço: Rua 5, 973 – Centro.
Fone: (63) 3351-2271
Gurupi-TO.



Clínica Interdisciplinar
Intervencionista da Dor

Dr. Felipe Oliveira Neves
CRM-TO 1943

Médico Especialista em Anestesia
Membro da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor

(63) 3312-2570

(63) 98409-4996®

REABILITAR - ESPAÇO SAÚDE: Av. Pernambuco nº 1545 (entre ruas 2 e 3) - Gurupi-TO



Apoio:





TÍTULO: Ressaca Literária N° 03

PREFIXO EDITORIAL: 922619

NÚMERO ISBN: 978-85-922619-7-9

TIPO DE SUPORTE: papel

EQUIPE EDITORIAL

DIREÇÃO GERAL:

Wellitania Oliveira

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Lucas dos Santos Costa

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Daniela da Silva Faria Vieira
Domingas Santana dos Reis
Elane Aparecida M. Santos Milhomem
Euler Moura da Silva
Kamylla Rodrigues Milhomens
Lucas Peres da Mota
Milena Castro Milhomem
Raquel de Castro Pereira
Thallison Henrique de Souza Assunção

DIAGRAMAÇÃO: Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO: Wellitania Oliveira

CAPA: Henrique Viegas

Acrílico sobre tela 60x50

Estilo: Pop Arte

Henrique Viegas é graduado em Filosofia; especialista em Metodologia do Ensino da Arte; professor de desenho e pintura em tela na Casa de Cultura UnirG.

CORREÇÃO: Plínio Sabino Sélis

REVISÃO: Ilka da Graça Baía Araújo

IMPRESSÃO: Gráfica Modello
Produção Independente

TIRAGEM: 100 exemplares

CONTATO: ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP: (63) 98427-7656

98479-7961

98136-1337

Rua F, quadra 30, lote 14 n° 90
Gurupi – TO – 77405-330



Para Início de Conversa

Certo dia, um professor de Teoria da Literatura disse que uma faculdade de Letras é o pior lugar para um escritor estar, porque se passa o tempo todo escrevendo sobre as obras dos outros e não se tem tempo para escrever as próprias obras. Pensando nisso, buscamos a cada semestre contradizer tal afirmação, e trazemos a público, produções de acadêmicos e professores de Letras.

Esta é mais uma Ressaca Literária, a terceira “onda” de poesia, prosa et cetera.

Neste número, temos a participação de três professoras egressas do curso de Letras da UnirG, as quais servem de comprovação de que se aprende a gostar e escrever literatura numa faculdade de Letras. Vamos conhecer os instintos mais íntimos e sombrios da natureza humana em *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, sob a perspectiva da teoria junguiana, por Misma Racquel Cabral; conhecer um pouco mais sobre a Literatura de Cordel no texto de Áurea Sampaio Teles e desvendar as imagens poéticas reveladas nos espaços do romance *Chão de carabinas: coronéis, peões e boiadas*, de Moura Lima, analisado por Ane Elise Furlan.

No caminho da prosa, um encontro com “Valquíria”, mais um conto do acadêmico Euler Moura, que vem se firmando no ofício de contista.

A onda de poesia traz diversos autores e diferentes temas para encantar e inspirar a alma do leitor.

No espaço acadêmico autobiográfico, vamos conhecer a biografia e o trabalho do professor e poeta Fabiano Donato, que muito contribui para o desenvolvimento literário de Gurupi.

Há uma entrevista com o renomado escritor e Presidente da Academia Gurupiense de Letras, Roberto José Ribeiro (Robertão), em que fala de seus projetos pessoais e à frente da AGL.

A leitura e interpretação do texto literário, sob o viés da Hermenêutica, estão refletidas no texto do acadêmico Lucas Santos. Também a reflexão sobre o teatro medieval português, pela acadêmica Elane Milhomem, e a fotografia como forma de expressão artística, por Thalison Assunção, na coluna Outras Artes.

Assim, somos inundados por mais uma ressaca de leitura, com o texto “Dá-me um Ponto e Eu, em Micro, Conto!” do professor Dr. Plínio Sabino Sélis.

Que esta Ressaca Literária, ultrapasse os limites do conhecimento de cada leitor.

Boa leitura!

Wellitania Oliveira



SUMÁRIO

NO CAMINHO DA PROSA	05
ONDAS DE POESIA.....	07
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA	12
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO.....	14
ENTREVISTA	16
PRODUÇÃO ACADÊMICA	20
OUTRAS ARTES	36
RESSACA DE LEITURA	40
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	42

NO CAMINHO DA PROSA

VALQUÍRIA

Por Euler Moura



- Perdoe-me por tudo que eu fiz, por favor – ele disse.

Ela, Íris, não sabia se gostaria ou não de entender do que ele falava. Estava curtindo o momento, na verdade. Estavam sentados um do lado do outro, num píer de frente para o lago, observando o pôr-do-Sol. O exato mesmo lago onde ela não se lembrava mais com exatidão, quando eles haviam se conhecido, de uma forma bem incomum.

- Anham! Lembra-se daquele dia?

- O quê?

- O dia em que nos conhecemos? Quando você se afogou? – ela perguntou. Ele deu um riso forçado.

- Lembro. Estava tentando achar conchas. Péssima ideia.

- É, foi mesmo!

- Aquela viagem foi boa. Você me largou pra cuidar dos lobos, naquele dia.

- Hei! Esse é o meu trabalho! – ela disse, chutando água no namorado. Alguém tem que manter esses bichos afastados. Sabe o quão difícil é mantê-los longe de comida?

- Você... Quis dizer: longe dos visitantes?

- Pra eles dá na mesma, eu acho – ela respondeu, dando de ombros.

- É, deve ser... Pessoas e refeições – ele disse, ajustando os óculos no rosto.

- São animais. Eles se guiam pelo instinto. Não tem porque grilar com isso, psicologicamente falando.

- Acho que sim.

- E, então, “obrigado por manter essas bestas-feras longe de mim”, sabe?

- O quê?

- Ah, nada, esquece. Você tá é com a cabeça

em outro lugar, sabia?

Ela o olhou, a tez castanha do rosto escondida por um capuz. Os óculos de armação redonda, uma cicatriz no lábio e uma camisa de estampa de caveira completavam o visual. Aquela cicatriz causara muitos problemas na entrevista de emprego dele. Mas ser um arruaceiro inveterado era o menor de seus defeitos. Íris realmente não se importava com aquilo, já que também realmente gostava daquele cara.

Tudo aquilo havia começado no dia do afogamento. Ela, uma guarda (em treinamento) da Reserva Florestal do Lu-Ar, estava perto o suficiente para ouvir os gritos de desespero, o que, ela aprenderia depois, não eram do feitio do rapaz. Tudo ocorrera muito rápido: corrida, pulo, mergulho, Diego, salvamento, conversa, fogueira, jantar, cervejas (dele), mais conversa, risadas, mais cervejas (dela), convite para um café, mais conversa ainda, viagem, risadas altas, café.

- Sabe que se você não tivesse se distanciado de onde seus amigos estavam nada daquilo teria acontecido, né?

- É... Mas daí, bem... Seu chefe nunca teria gritado com você. E, provavelmente, eu nunca teria ido falar com você. Você...

- Você teria vindo falar comigo de qualquer forma – ela disse rindo, amarrando o cabelo ruivo e molhado (havia acabado de voltar de um mergulho) em um rabo-de-cavalo – Porque estávamos predestinados a ficarmos juntos.

- Você é uma ótima pessoa, sabia?

Ele a olhou com um olhar que geralmente é dirigido a crianças. Nem sempre as crianças sabem o que significa esse olhar de “não é assim que o mundo funciona, mas a forma como você

acredita é perfeita”. Mas às vezes elas sabem. Íris não sabia, ainda.

Ela continuou:

- E além do mais, eu estava errada. Eu acho. Eu deveria estar prestando atenção em vocês, e não surrupiando algumas brejas do cooler do velho, heim?

Ele não respondeu.

- Ah, qual é? Nós ficamos juntos. Eu falei com meu tio, para ele te dar uma vaga de emprego no colégio, e você até melhorou do seu lance com as apostas. Deu tudo certo.

Eles não costumavam falar sobre o vício de Diego em apostas. As casas de apostas ficavam do outro lado da cidade, onde Diego morava. Já perdera muito dinheiro naquele mundo. Mundo este de que ele saíra, em parte, graças à namorada.

Ele continuava com um olhar distante demais.

- Então, sobre isso...

- O quê?

- Tentei te falar mais cedo. Estou tentando te falar isso faz muito tempo... Mas é que... – ela o viu encará-la demoradamente, enquanto ela ajeitava o maiô, revelando parte da gigantesca tatuagem que possuía nas costelas.

- Que...?

- Eu não tenho... Não tenho sido totalmente honesto com você.

- Sobre...?

- Eu... Eu voltei a jogar, tem um tempo. Eu não tenho aula sexta, à noite. Então, eu vou pros cassinos.

- Então... Depois de todo esse tempo? Sério mesmo?

- É. Pois é.

- E... E como isso aconteceu?

- Eu... Tive ajuda. Nêssa. Eu vou com a Nêssa.

- Você e a Nêssa... Ah... Ela... Vocês...

- É. Eu e ela. Tem algum tempo.

As peças começavam a se juntar na mente de Íris.

- Você tinha esquecido o celular em casa, ele tocou, eu atendi, era ela. Então, ela me chamou para sair, eu fui. Isso deve ter alguns meses. Geralmente, depois de sairmos do Cassino, a

gente... Ela me arrastou de volta pra isso, e ...

- *Okay, okay* – ela disse, desistindo de conter as lágrimas. Íris estava branca como um lençol. Nêssa era sua colega de trabalho, responsável pela patrulha mais ao norte da baía. Parando para pensar um pouco: isso explicava o comportamento ainda mais evasivo do que o normal dela. As duas eram bem parecidas, porém Nêssa era dada a mais liberdades. Ou a mais responsabilidades, provavelmente um misto dos dois, é difícil de entender.

- Então... É isso? – ela perguntou.

Depois de um longo silêncio, ele colocou a mão no bolso, tirou algumas notas de dinheiro amaçadas, e as mostrou.

- Eu... Tô indo embora – ele disse de cabeça baixa. Ela pegou as notas, sem entender – Toma, para pagar sua passagem de volta.

-Ah.

Os dois se levantaram, e ela o viu se distanciar do píer, as pernas dela tremendo. Ela havia passado de “razoavelmente” para “tremendamente” chocada. Havia se dedicado a ele por tanto tempo, amado-o de fato, e agora, estava ali, sem namorado, e com dinheiro como se fosse uma qualquer. Apesar de não possuir uma plateia, a sensação de que havia sido humilhada se apossava dela cada vez mais, e cada vez mais ela se convencia de que, na verdade, tinha sido sim.

Então, ele voltou. Olhou-a, por alguns segundos. Uma cara de “coragem-medo-coragem”. Por fim, a coragem, assim dita, venceu. Tirou-lhe um último beijo. Ele fez em memória de todos aqueles dias de felicidade que haviam passados juntos, mesmo nunca a tendo amado de verdade, e Íris, agora, entendia.

Com toda a sua força de nadadora, ela o empurrou de volta para o lugar onde o havia encontrado.

Agora era vez dela se distanciar do píer, desfilando com certa abalada confiança, secando as lágrimas e ajeitando mais uma vez o maiô, revelando parte da tatuagem que era seu objeto de carinho: a guerreira nórdica, em meio a pinheiros na neve, era o que Íris carregava no dorso.

ONDAS DE POESIA

NUMA ONDA DE POESIA III

Lucas Costa

É essa a vez, vez sonhadora,
Em que na livre arbitrariedade
Aos olhos me vem a terceira
Uma onda de liberdade...

Nesta ressaca, neste movimento
Agito-me em contentamento
E é sacudindo o mar de ideias
Que sordidez não fica onde as assento.

Outra é a ressaca...
E o fluxo que vem de lá...
Minha imaginação enxarca.

Outra é a praia...
Continuo a sonhar...
Pra que dela eu não saia.



CHUVA

Elane Milhomem

Cai lá fora uma chuva fina.
Um vento frio no ar, bem silencioso.
A tarde chega, um clima bem gostoso
Aquele menina passa, o cachorro não late.

Tudo está em silêncio até que,
Em um minuto, tudo volta ao normal.
O cachorro late, o carro passa, abre o sinal.
A vida segue, a chuva continua fina.

Mas, e aquela menina?
Molhada, triste, cara de apaixonada.
Idealizando um amor impossível,
Mas consigo carrega um coração disponível.

Aquela que nunca fora amada.
Quisera um coração para fazer morada.
Porém continua a vagar lentamente.
A chuva passa, mas, o sentimento continua.

SUA PAZ

Jeremias Silva Pereira

Eu era apenas um riso
Tão pequeno e já sofrido
Mas com alma e espírito
Do tamanho de um cisco

Minha história dá arrepios
Já sinto calor e frios
Quero dar meus primeiros passos
Olhar para trás e ver os rastros

Vou lutar pela minha vida
Mesmo que seja uma ideia perdida
Não consigo te entender
O motivo que tu não queres me conhecer

Pensar que vou roubar tua paz
E se eu morrer isso não te desfaz
Vou ser feliz em cada segundo
Compreendo o Amor acima de tudo

FUTEBOL (ADVÉRBIO DE INTENSIDADE)

David de Toledo

bê-a-bá: BABA.

Futebol de passe
na velocidade da emoção,
Gol da quebra do desempate,
driblando placar adverso num revés,
torcida que abraça a lenda do Gol...



Fonte: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7734-corinthians-x-vasco>

Mãe preta:

...África,
...Salvador,
...Pelourinho, sim sinhô !!!

Mãe Preta...choro de resiliência,
Mãe Preta...braços abertos de renúncia.
Mãe Preta...fertilidade da terra,
Mãe Preta...refúgio, abrigo e proteção.
Mãe Preta...ventre livre,
Mãe Preta...grito liberto no Pelô.
Mãe Preta...é Bahia na pele,



Mãe Preta...é matriz africana,
Mãe Preta...é diáspora africana em Salvador.

FÉRIAS SEM LECI

Paulo Henrique Mattos

Longos são os dias sem você
 Longas são as horas de tua ausência
 Sem você não vale a pena
 o azul do céu
 o roxo do ipê
 o verde exalando vida.
 Sequer a noite estrelada e a brisa noturna
 ou o fogo crepitante da fogueira
 Nada aquece o frio de tua ausência
 nada substitui a beleza de tua presença
 A natureza quando compartilhada contigo
 é mais vigorosa
 Sem você é apenas um exercício de paciência
 O voo da garça branca
 perde a majestade
 o uivo do vento não tem emoção
 caminhar na areia molhada pela manhã e
 ser aquecido pelos primeiros raios do Sol
 não tem a mesma sensação
 nem mesmo o mar e seu festival de vida
 tem a mesma atração
 pois o coração quer apenas estar ao seu lado.

ALEGRIA

Fabiano Donato

Para Carmem leal

Viva a alegria que restaura,
 A divina alegria de ser luz,
 De ser luz a apontar caminhos.

Viva a alegria que acolhe,
 O morno aconchego de rir da dor,
 Da dor que mais nos diviniza.

Viva a alegria infinita,
 A certeza alegre de passar
 E de saber-se além das coisas efêmeras.

EM BUSCA DO FOGO SAGRADO

Paulo Henrique Mattos

Em cada viagem e a cada vez que me afasto de ti
A memória da pele e dos poros me faz recordar
do teu calor e sabor
De tua respiração ofegante e teus dedos finos
em longos afagos e descobertas
Isso cobra o instante do reencontro
com tua boca e tua língua
em grandes descobertas
Sinto a falta de teu corpo preso junto ao meu,
a ausência de teu colo,
o calor de teus braços e abraços.
Eu te preciso hoje e agora,
porque a vida é uma faísca incerta,

que se apaga a cada instante,
e se alimenta de quimeras.
É preciso, portanto, que me concedas um favor,
continue a fazer necessária
a impaciência do meu retorno.
Alimente a vontade de abraçar-te
Jamais te acostume com as distâncias,
nunca duvides de minhas dores e emoções.
Ajude-me a construir com palavras e ações
a misteriosa ponte entre dois corações.
Aprendamos a fazer juntos
o grande fogo do universo.

DONANA NO JARDIM

Fabiano Donato Leite

Donana foi menina
Num jardim de estripulias.
Entre bogaris e jasmineiros
Passou alegre seus dias.
Se ralhavam os velhos com ela,
Em nada lhes atendia.
Porque Donana menina
Era dona da alegria.
Donana cresceu e foi moça
Num jardim de ilusões.
Namorou soldado e tenente,
Cabo, major e capitães.
Donana deixou com todos
As suas várias sensações,
Mas acabou mãe solteira
Nas noites e solidões.

Donana amou, no entanto,
Não foi amada por ninguém.
A muitos entregou seus beijos
E o corpo como enorme bem.
Não teve sequer carinhos,
Mas carícia que convém
Ao homem que se aproveita
Daquilo que a mulher tem.

Donana agora é velha
Em sua hora derradeira,
Não tem encanto que resta
Ao sol em sua hora primeira.
Donana ficou sozinha
E geme sobre alguma esteira.
Coitada! Quem lhe acompanha
Nesse Jardim de Oliveiras?

ALMA POÉTICA

Wellitania Oliveira

A tristeza só é boa para a alma do poeta,
ela faz transcender ao espírito da criação.
Mas é nociva para o coração do poeta,
ela rasga as artérias da dolorosa saudade.

A tristeza de sua poesia é única,
versos reduzidos a lágrimas,
após visitar os abismos da alma.
E não os reduziu a falácias inúteis,
o poeta tem uma alma danada,
no melhor e no pior sentido.

O VENTO

Wellitania Oliveira

O vento sopra trazendo ecos de terras distantes,
trazendo as vozes das pessoas
que habitam alguns locais desta terra
e os ruídos da natureza.

O vento sopra de leste para oeste,
de norte a sul em um movimento contínuo,
arrancando das mãos da menina
a boneca e um pouco de sua inocência.
O vento pode ser o companheiro de viagem ideal
para quem quer ir embora sem alarde,
sem luzes da ribalta, só com uma mala
e a companhia dos saltos dos próprios sapatos,
andando no chão áspero, fazendo ruídos
nas ruas e caminhos do mundo
por onde sopra o vento.

TEORIA LITERÁRIA

UM AFORISMO DE OSCAR WILDE SOB A PERSPECTIVA NIETZSCHIANA

Por Wellitania Oliveira¹



“Todos estamos deitados na sarjeta, só que alguns estão olhando para as estrelas”

Este aforismo foi tirado da peça de teatro *O Leque de Lady Windermere* (*Lady Windermere's Fan*), do escritor inglês Oscar Wilde, a qual foi encenada pela primeira vez em Londres, no ano de 1892. A peça é uma comédia de costumes embasada no contexto da Inglaterra do período vitoriano. O texto apresenta o requinte e a frivolidade da sociedade patriarcal inglesa que, mesmo seguindo os preceitos morais rígidos da época, se encontrava envolta por intrigas e hipocrisia.

Oscar Wilde foi um dos maiores escritores de língua inglesa, crítico ferrenho da arte e estética

vitoriana. Decadentista e simbolista marcou sua literatura pela reprodução dramática e satírica da realidade de sua época.

As obras de Wilde também foram marcadas por aforismo, o que atribuiu a elas um estilo articulado da literatura com a filosofia. Dessa maneira, o autor deixou suas percepções do mundo por meio de uma linguagem expressivamente filosófica.

Neste aforismo, da peça *O Leque de Lady Windermere*, Oscar Wilde escreve muito sabiamente a condição humana. Embora seja preciso que o homem atual considere o período

e o lugar, em que Wilde declarou estas palavras. Aquele era um tempo trevoso; aquela era uma Inglaterra de resquícios impuros de um puritanismo estúpido. Naquela Inglaterra, para citar José Ângelo Gaiarsa, “todo mundo vivia vigiando todos, para que ninguém fizesse aquilo que todos estavam loucos por fazer.” Hoje, para o bem dos ingleses, os tempos são outros. A Inglaterra também. Mas os homens continuam “deitados na sarjeta, só que alguns estão olhando para as estrelas”

O grande filósofo alemão Friedrich Nietzsche considera que, “As grandes épocas de nossa vida são aquelas em que temos a coragem de rebatizar nosso lado mau de nosso lado melhor”. Nesta perspectiva, Nietzsche não brutaliza o homem, talvez o aproxime de algo que nunca poderá negar, imaniza-o de sua verdade interior, que lhe serve como luz em mares bravios e, quem sabe, desconhecidos apenas por ele mesmo.

Nietzsche compreende que a humanidade se acha submersa num profundo quadro decadencial, porque é conduzida por valores intoleráveis e insubistentes. Se foi “sob as mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de *décadence*”. É provável que Nietzsche queira mostrar o quanto é urgente e necessário aos homens pensarem como se vivessem num mundo único pelo qual são responsáveis uns pelos outros; e são, mais que isto, são irmãos em sorte. Isto não lhes dá nenhuma prerrogativa de iluminados, nem de mais semelhantes ao ser maior. Afinal, que lógica de fracasso esta de acreditarem serem animais privilegiados e dominadores de todos os outros?

No aforismo, Wilde lembra, ainda, que independentemente da situação em que se

encontram os homens, o importante é olharem para cima e manterem as perspectivas. É certo que somente avançarão, quando de mãos dadas ao instinto, souberem dizer de si mesmos e aos outros, o quanto se amam, se respeitam e se aceitam, por fazerem parte da grande família universal da qual são semelhantes. Também por compreenderem o medo autêntico da igual condição humana e manterem a alma bela e boa que reverencia e propaga Deus, ainda que não seja no humano idioma.

E como será perfeito o dia de não mais contarem com o livro de pecados prévios, pelos quais têm que se arrastarem na sarjeta. Pois perdem o melhor da vida nestas conjecturas de sacrifício e culpa. Basta do que já foram! É preciso que abram espaço para o melhor que poderão ser. Quem se arrasta na sarjeta, feito um corpo enfurecido, ou vilmente sedento de um bem maior que está aí, ao alcance do olhar e ao contato das mãos, nada mais procura, senão uma desculpa para não viver o bem maior de si.

É necessário lembrar, também, que são todos humanos, não anjos! Se Deus pôs o homem nesta terra tão linda e tão generosa, certamente foi para que vivesse as suas imperfeições e evoluísse, inclusive ao ponto de não ficar atado ao passado que teve.

Portanto, o homem precisa crer em sua verdade interior, decifrar-se com o coração. Quem segue as verdades íntimas, nunca desfalece e quem se orienta pela esperança de um dia ser mais, não tomba na vala da tristeza. Embora todos estejam na sarjeta, como diz Wilde, talvez seus braços possam abraçar, como diz Augusto dos Anjos, “a própria eternidade” e se tornem os artífices de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ATEU, Antonio. **E por que não Gaiarsa?** <https://jornalggn.com.br/blog/antonio-ateu/e-por-que-nao-gaiarsa> Publicado em: 31 de Dezembro de 2008 às 10h 00m. Acessado em: 10/02/2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Genealogia da Moral**. Adaptação: Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Ed. Scipione, 2001.

_____. **Além do Bem e do Mal** – Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução: Paulo César de Souza. <https://books.google.com.br/books?isbn=8580863392> . Acessado em: 15/03/2018.

PERCY, Allan. **Oscar Wilde para inquietos**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015.

WILDE, Oscar. **Lady Windermere's Fan**. 10 ed. EBook 790. Fundação Literária do Project Gutenberg. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu000790.pdf> - Lançado: janeiro de 1997 - Atualização: 17 de setembro de 2002. Acessado em: 12/03/2018. p. 38.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Por muitos anos, ele foi uma grande referência no curso de Letras da UnirG. Mesmo afastado das atividades de sala de aula, ainda ouvimos falar de seu extraordinário trabalho com a literatura. Para quem não teve o privilégio de ser seu aluno, aqui proporcionamos a oportunidade de conhecer o professor Fabiano Donato.

Fabiano Donato Leite é escritor, poeta, prosador e professor de Literaturas Brasileira e Norte-Americana. O Professor Fabiano Donato é gurupiense, nascido aos 09 de setembro de 1967, graduado em Letras Modernas pela Universidade do Tocantins, campus de Porto Nacional, e pós-graduado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás.

Como professor universitário iniciou suas atividades em 1995, no campus de Porto Nacional, lecionando Literaturas Inglesa e Norte-Americana. Posteriormente, transferiu-se para Gurupi, onde iniciou suas atividades letivas no Colégio Ômega, em 1995. Em 1999, com o início dos cursos emergenciais para formação docente, oferecidos pela FAFICH. Integrou a primeira turma de professores do Curso de Letras da instituição, hoje Centro Universitário UnirG.

Como poeta, Fabiano Donato Leite tem mais história para contar. Em 1985, participou e venceu o Festival Despertando a Poesia, promovido pelo grêmio estudantil do Colégio Estadual de Gurupi. Em 1992, obteve o 1º lugar na etapa municipal do Prêmio SESI de poesia em Porto Nacional; nesse mesmo ano recebeu da Secretaria Estadual de Cultura o Prêmio Graciliano Ramos, por ter escrito um trabalho monográfico sobre a obra daquele prosador alagoano.



Fabiano Donato Leite por 14 anos atuando como docente do Curso de Letras do Centro Universitário UnirG, ministrou diversas literaturas e destacou-se como orientador de dissertações de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, nas áreas de Literatura Infantil, com abordagens à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung; de Literatura Brasileira e Norte-Americana, com abordagens à luz da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand.

Por problemas sérios de saúde, afastou-se das atividades docentes em 2014, vindo a solicitar afastamento definitivo da

IES, logo em seguida. Entretanto, Fabiano Donato Leite continua a ser um leitor afeiçoado de quaisquer literaturas, em pelo menos cinco línguas às quais domina com afinco, como português, inglês, francês, espanhol, latim e outras.

Seus escritos remetem à filosofia de Friedrich Nietzsche. Aliás, este é o autor que mais influenciou e influencia os escritos de Fabiano Donato. Entre os poetas mais lidos por ele estão: Augusto dos Anjos, Goethe, Rilke, Cecília Meirelles, Fernando Pessoa e Mário Quintana. Fabiano é daqueles leitores omnívoros, lendo dos Haicais até à Mitologia Indiana; dos contos de fadas à Antropologia; do Baghavad Gita aos textos de Jorge Luís Borges; dos Salmos bíblicos ao Corão; de Buda a Chico Xavier. Fabiano só não lê o que ainda não foi escrito. Sua profunda admiração por Filosofia aproximou seus textos da obra de autores como Nietzsche, Sartre e até Michel Foucault, embora ultimamente sua escrita tenha adentrado mais à Antropologia do Imaginário e à Psicologia junguiana, que lhe deram as bases para a construção dos textos em prosa.

Como artista, Fabiano Donato Leite acredita na força da confluência criadora e seus textos em prosa procuram aproximar a narrativa do discurso poético e da fala do inconsciente. O autor tem escrito uma obra intitulada Contos por Versos, que pretende lançar brevemente. Nesta obra, Fabiano utiliza recursos da poesia medieval dos Vilancicos, associa à narrativa os ritmos e imagens poéticos, dialoga com Psicologia do Inconsciente, explora o folclore tocantinense e adentra até às crenças do Xamanismo. Alguns textos desta obra já foram lidos em público como o conto Filho

de Boto Botinho é.

Dentro do cenário tocantinense, Fabiano destacou-se como educador da Rede Estadual de Ensino e, em âmbito nacional, o prosador já participou do lançamento de uma Antologia Comemorativa dos 30 anos da Editora Scortecci, durante a 22ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2012, com um conto intitulado Ao pé da ponte, em que ele traça investigações sobre o feminino e o masculino, bem como ainda o inconsciente, de acordo com a arquetipologia de Jung. Em breve, os leitores poderão conferir toda a riqueza simbólica deste conto. Em agosto do ano em curso, Fabiano participará pela segunda vez da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, com alguns textos poéticos na Antologia O Silêncio das Palavras e estará, nesta oportunidade, firmando contrato editorial para lançamento de sua obra completa pela Editora João Scortecci. Certamente, ainda neste ano, o leitor conhecerá uma obra que vem sendo escrita há mais de trinta e seis anos.

Assim é Fabiano Donato Leite: um leitor insistente, porque para ser um escritor, necessita-se ser, antes de qualquer coisa, um contínuo leitor. Um poeta amadurecido pelo sofrimento e pela busca do humano, mas nunca desesperançado. Um prosador irrequieto e dialogal que faz da poesia um caminho para suas histórias e um meio de desenhar novas personagens para uma Literatura nova, como a nossa de Tocantins. Fabiano já deixou claro para seus leitores que “Poesia é a legislação pelo sublime” e que “Prosa é para quem amadureceu de tanto se expor ao humano.” Vale conferir.

ENTREVISTA

ACADEMIA GURUPIENSE DE LETRAS - AGL EM FOCO

Por Raquel Castro, Daniela Faria e Lucas Peres



Entrevista com Roberto José Ribeiro – Professor Robertão

Ressaca Literária - Quando percebeu que queria ser escritor?

Roberto J. Ribeiro - *Desde criança, quando eu aprendi a juntar letra com letra, eu já comecei a escrever alguma coisa, né! E os meus primeiros escritos foram as cartas na época que eu fui estudar em Porto Nacional. Na época, não tinha telefone e a gente se comunicava através de carta. Depois, eu mudei para Goiânia, por que aqui não tinha segundo grau, nem faculdade. E as amigas e os amigos*

que eu fiz no colégio Sagrado Coração de Jesus, em Porto Nacional, no seminário, a gente se correspondia, era uma média de 30 a 40 cartas todo mês. Então, foi assim a minha primeira investida na escrita respondendo para esses amigos, depois vieram as namoradas e continuei escrevendo, e eu escrevia alguns versos, sonetos para elas. Foi assim que eu comecei escrever, porque na época não tinha outro meio de comunicação e peguei gosto pela escrita.

Ressaca Literária - Quais foram suas primeiras leituras?

Roberto J. Ribeiro - *As minhas primeiras leituras foram quando eu ganhei um livro do meu tio João Manoel do Santos (João Paraibano). Livro do segundo ano de Felisberto de Carvalho, e lá tinha muitas histórias, da “formiga e o preguiçoso”, “A cigarra”, e outras fábulas. E eu comecei a gostar de ler, e como aqui a gente não tinha onde buscar a leitura, só quando eu fui para Porto Nacional, que lá no Seminário tem uma biblioteca muito boa, e no colégio onde estudava também tinha uma biblioteca muito boa, e quando eu voltei para o Gurupi para terminar o curso, foi quando apareceu na livrolândia e tinha vendedores ambulantes que vendia livros e eu comprei uma coleção de José de Alencar, Machado de Assis, Mauro Vasconcelos, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e outras escrituras. A leitura se tornou um vício para mim. Às vezes, eu saía para festa ou para rua, mas antes de dormir eu tinha que ler, pelo menos, um parágrafo ou um capítulo de alguma obra, para conseguir dormir. Virou um vício: a leitura em minha vida.*

Ressaca Literária - Quantos livros já lançou?

Roberto J. Ribeiro - *O meu primeiro livro... eu escrevi uma revista Resumo histórico de Gurupi, depois eu escrevi o “Lendário” - um livro mais volumoso e com mais conteúdos. O “Lendário Gurupi” conta a história de Gurupi, desde 1926, que foi quando os primeiros moradores atravessaram o rio Tocantins, da margem direita para a margem esquerda, e começaram a povoar o que hoje é o município de Gurupi até 2005, com muitas fotografias, com muitas histórias e com*

muitos documentos. O segundo foi “Versos e amores da minha vida” (poesias), que eu escrevi contando as minhas histórias, e todos os versos que eu fiz durante a minha vida eu resumo ali. Agora, estou lançando em maio uma segunda edição de “Versos e amores”, e estou preparando também o segundo volume do “Lendário Gurupi”, contando a história política e administrativa de Gurupi, o poder executivo e legislativo, e mais a questão do loteamento, nomes das ruas, os homenageados e mais algumas histórias de 20 famílias pioneiras. Então, já vamos para 4 livros que eu lancei. Não lancei mais ainda, por falta de recursos financeiros. Já tenho mais livros prontos, inclusive romances, mais fica muito caro para a gente lançar, e minhas despesas são muitas e o dinheiro pouco, não temos apoio do poder público, municipal, estadual e federal.

Ressaca Literária - Qual é o seu gênero preferido: lírico ou histórico?

Roberto J. Ribeiro - *Ambos. Eu escrevo história e escrevo poesias, e estou ensaiando também romance. Estou com um romance ensaiado, contando a história da nossa vinda para cá, as raízes da minha família.*

Ressaca Literária - Uma das dificuldades em publicar livros no Brasil é o alto custo cobrado pelas editoras. Qual foi a sua maior dificuldade na publicação de seus livros?

Roberto J. Ribeiro - *É justamente isso, o alto custo. E, apesar do meu livro ser um livro de história, que conta a história do município, o apoio é muito pouco. Lancei o livro na feira do livro em Palmas. Foi um livro bem sucedido e aí paguei o livro. Vendi*

mais livro para fora, do que para o próprio município. Vendi para São Paulo, Goiânia, Brasília, Cristalândia, Formoso de Araguaia. E, também, para outros países: Holanda, Portugal e França, para as pessoas daqui, que estavam lá. Hoje, esgotou a edição e eu não tive condições de lançar outro. É essa a dificuldade que nós temos no Brasil.

Ressaca Literária - Enquanto está a escrever, partilha a história com alguém para pedir conselhos?

Roberto J. Ribeiro - *Sim. Eu tenho o Professor Fabiano Donato, a professora Wellitânia Oliveira, o amigo que é membro da academia tocantinense de letras: o Roberval, que tem me ajudado muito.*

Ressaca Literária - Das obras que escreveu, tem alguma que seja a sua favorita?

Roberto J. Ribeiro - *As duas são favoritas. O meu livro de poesia foi um resgate de tudo o que fui escrevendo durante toda minha vida. São coisas da alma da gente. Os dois são favoritos.*

Ressaca Literária - Qual de seus livros teve maior sucesso?

Roberto J. Ribeiro - *O lendário Gurupi.*

Ressaca Literária - Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Roberto J. Ribeiro - *Minha maior preocupação em escrever é justamente contar as verdades, no caso da história. Fiz uma pesquisa de campo muito profunda: falo sobre os garimpos de cristais. Eu fui à Cristalândia, Formoso, Araguaçu, e em todas as cidades garimpeiras. Você não*

pode ouvir só uma pessoa e escrever aquilo que ele fala. Minha maior preocupação é conferir as histórias e as entrevistas para poder escrever. É muito sério. História é sério. No romance não, no romance você escreve tudo o que você quer.

Ressaca Literária - O que lhe dá mais prazer no processo da escrita?

Roberto J. Ribeiro - *É eu ouvir o que eu escrevo. Eu leio gravando e depois eu ouço. Eu leio, eu escrevo, eu gravo e eu ouço.*

Ressaca Literária - Fale-nos um pouco do seu livro, o lendário Gurupi?

Roberto J. Ribeiro - *O lendário Gurupi, o que me levou a escrever foi porque estavam mudando a história. Outros contam uma história que nunca aconteceu; e, então, eu como cresci aqui, fui criado aqui e convivo com os pioneiros, escrevi o que vi e ouvi. Eu falei: eu não posso deixar essa gente no anonimato. As pessoas falavam do Benjamim Rodrigues, mas tinha outro Benjamim, o Benjamim Carvalho, que não veio pra cá para fundar a cidade. Ele veio para criar gado. O gado na época era criado solto, o espaço era pequeno, daí as pessoas ficaram sabendo que nessa região tinha muita mata, tinha muita água e tinha muito capim, próprio para a criação de gado. Eu tive que desmistificar muitas histórias que contavam. Eu conhecia e eu entrevistei os pioneiros, os que fizeram a história, isso foi o que me deu prazer de escrever a história desse povo.*

Ressaca Literária - Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Roberto J. Ribeiro - *No meu dia a dia é*

imprescindível a Bíblia, no primeiro momento do dia. A Bíblia é uma leitura imprescindível. Se você quer como fonte de história, ela está lá. Se você quiser ler a Bíblia para conhecer Jesus Cristo, está lá o conhecimento. Se você quiser ler a Bíblia para ensinamento e sabedoria de vida, está lá.

Ressaca Literária - Qual escritor do passado ou do presente você gostaria de convidar para tomar um café?

Roberto J. Ribeiro - *Eu gostaria muito de convidar Castro Alves, para ouvi-lo declamando o “navio negreiro” e a “cruz da estrada”. Eu gostaria de tomar um café com Castro Alves.*

Ressaca Literária - Se pudesse recomendar um livro aos leitores, qual seria?

Roberto J. Ribeiro - *Eu recomendaria um dos meus, mas tem muitos livros maravilhosos que a gente podia recomendar, porém, para quem quer conhecer a história de Gurupi. Eu recomendo o “Lendário Gurupi”.*

Ressaca Literária - Agora que está à frente da Academia Gurupiense de Letras, quais os seus projetos literários?

Roberto J. Ribeiro - *Nós estamos com um projeto literário muito abrangente. Nós montamos ele, ainda na administração do nosso ex-presidente e atual secretário Dr. José Maciel, que transformou essa academia. Um projeto que queremos é o de levar cultura para as escolas, incentivar escritores. Temos muitos valores nas escolas, muitos diamantes que tem que ser lapidados, então, esse é o nosso projeto piloto. Temos outros projetos: nós queremos fazer uma homenagem para os professores pioneiros. Vamos fazer um encontro de Sanfoneiros para divulgá-los e mostrar que é uma arte, que não pode ser esquecida, não pode ser abandonada. Tem outro encontro, o festival de piadas. Também teremos o Lançamento coletivo de livros de autores de outros municípios que também quiserem participar. E o Sarau Literário, queremos continuar. Foi, assim, que aprendi a gostar da poesia, da prosa, do teatro.*

Duas obras de Roberto José Ribeiro



PRODUÇÃO ACADÊMICA

A IMAGEM DE SOMBRA E LUZ NA OBRA O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, DE EMILY BRONTË

Por Misma Racquel de Oliveira Cabral

No campo da ficção, o romance psicológico surge influenciado pelos estudos de psicologia, no final do século XIX e início do século XX. Assim, muitas narrativas foram elaboradas fazendo uso do monólogo interior, reproduzindo ideias e sentimentos por meio do *briefing* literário. Dessa forma, as primeiras composições trazem a representação do processo de fluidez da consciência da personagem.

Foi um período, também, em que os romances retratavam os sentimentos com certa pureza moral, e mantinha a linearidade das personagens, isto é, sem profundidade psicológica, em que era previsível o triunfo do bem sobre o mal e os vilões eram castigados, ora com a morte, ora com a prisão, com intenção moralizante,

Em *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), Emily Brontë rompe com esta estrutura e estilo vigente, criando um romance instigante e provocador para a sociedade da época. Não que ela pretendesse questionar os valores sociais do período, mas sim mostrar a fragilidade dos sentimentos amorosos, a força do amor e do ódio e o quanto esses sentimentos estão tão próximos do coração e da alma dos amantes.

Segundo Lukács (2000, p. 89), “O romance é a epopeia de um mundo abandonado por deus: a psicologia do herói romanesco é a demoníaca”. Nesse sentido, *O Morro dos*



Ventos Uivantes de Emily Brontë, como modelo de romance, ajusta-se ao estudo intitulado: “A teoria do romance”, de Lukács, por estabelecer relações entre a ficção e a realidade.

A autora, no seu ato criador, cria arquétipos que permeiam as personagens e põe as personagens, a exemplo de Heathcliff, em conflito com a realidade, uma realidade sombria, movida pelo sentimento de vingança, uma vez que seus desejos estão longe de serem realizados.

Os arquétipos, segundo Jung (2000), eram o resultado do inconsciente coletivo, produto

das experiências partilhadas com os nossos antepassados e que este inconsciente coletivo é parte integrante do ser humano. Pode-se dizer que *O Morro dos Ventos Uivantes* nos apresenta um personagem com todas as características de um romance gótico/psicológico, Heathcliff, em torno desse personagem e de sua amada Catherine, se desenvolvem os conflitos no romance.

De acordo com Jung, todo ser humano tem cinco arquétipos principais - A Sombra, A Anima, O Animus, A Persona, O Eu - que se combinam, formando seu caráter. Jung explica que “no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (2000, p. 13).

A obra de Emily Brontë é um exemplo disso: aborda um tema que já permeava a literatura de outras épocas anteriores a ela e continua a fazer parte da literatura atual.

Para Jung, a polaridade dos arquétipos é explicada pela presença das concepções espiritual e instintual na própria natureza do homem, ademais, porque os arquétipos exteriorizam aspectos positivos e negativos dessas experiências.

Jung esclarece ainda que a imagem arquetípica se forma a partir da acumulação de energia psíquica, e que quando esta energia robusta, potente, atualiza-se, transforma-se revelando a imagem arquetípica. Sendo assim, em *O Morro dos Ventos Uivantes*, é possível perceber alguns arquétipos que refletem aspectos negativos e positivos de personalidade, devido à concentração de energia psíquica que as personagens acumulam.

Em suas teorias, Jung explica, ainda,

sobre o processo de individuação, que tem como objetivo a realização da totalidade individual, com a junção de todos os aspectos da personalidade de origem, movida pelo arquétipo central, o *self*. Essa junção ocorre pela ordenação do consciente e inconsciente em torno do *self*, completando assim a personalidade.

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, os arquétipos que caracterizam a obra podem ser denominados como: o “arquétipo do caráter”, o dos apaixonados condenados – em que o jovem casal apaixonado é separado pelo destino; o “ideal platônico” – em que o ser inspira uma atração espiritual no herói. Essas duas classificações de arquétipos são facilmente identificadas no romance; e são, também, os mais marcantes na obra. Porém, podemos apontar também: os “arquétipos de circunstância”, no que se refere à tarefa e missão das personagens – Quando uma ou mais personagens têm de realizar uma tarefa de proporções monstruosas e quando a personagem procura algo, seja consciente ou inconscientemente. As suas ações, pensamentos e sentimentos centram-se na concretização desse objetivo.

Dessa forma, é correto afirmar que os arquétipos contribuem para dar significação ao enredo, pois os defeitos e qualidades humanas são personificados e se tornam conhecidos por todos os leitores.

A dicotomia entre a sombra e a luz aparece nitidamente em *O Morro dos Ventos Uivante*. A sombra é associada à escuridão, ao desconhecido, ao desespero, ao medo e a tudo que é mau. Já a luz está associada à clareza, renovação, esperança, inteligência e a tudo que é bom. Assim, podemos dizer que a sombra é o outro lado da luz e que é

preciso haver escuridão para que a luz possa se manifestar. Como dizia Jung: “Não nos iluminamos imaginando figuras de luz, mas tomando consciência das trevas”.

As personagens do romance, em questão, são livres para caminhar pela luz, mas alguns optaram por caminhar pela sombra da sua própria ira, do ressentimento e da desilusão. Jung (2005) afirma que todo mundo tem o lado da Sombra, que é o lado obscuro, o lado oculto e sombrio da nossa personalidade. A sombra abriga os instintos animais que herdamos das espécies primitivas ao longo do tempo.

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, os personagens que encarnam o mau e faz aflorar o seu lado sombra são *Heathcliff* e *Hindley*. Ambos tem seus motivos justificados no enredo. Estes personagens podem ser interpretados como os causadores de conflito, desgosto e sofrimento na história, mas pode, também, serem vistos como vítimas. Entre eles, dividida em seus sentimentos, existe a personagem Catherine, que pode ser ou não vista como uma vítima, que pode ser vista ao mesmo tempo como arquétipo de sombra e luz. Para melhor compreensão acerca disto, faz-se necessário conhecer o perfil desses personagens.

Heathcliff, é a personagem central neste romance, o mais inquietante, aquele que, a princípio, desperta compaixão e amor, mas que depois desperta o ódio em proporções bem maiores, é um personagem complexo. Em determinados momentos, mostra sensibilidade amorosa, em outros demonstra frieza e crueldade, parece não ter sentimentos humanos.

Em muitas passagens do romance, *Heathcliff* é comparado a um demônio

pelas outras personagens, não só por sua aparência, mas, principalmente, por suas alterações de comportamento, ao longo da narrativa. Sua primeira comparação foi feita pelo Sr. *Earnshaw*, quando o leva para casa e o coloca diante de sua esposa. Ele disse: “Vê só isto, mulher! Nunca me senti tão derreado. Porém só pode ser uma dádiva do Senhor, apesar de ser negro como o filho do diabo.” (BRONTË, 2009, p.34).

Este personagem, ao longo da história, encarna os atributos negativos do *animus* em toda sua frieza, brutalidade e crueldade. Ele não vê limites para saciar a sua vingança. A única coisa que pode detê-lo é seu louco amor por *Catherine*, amor que sobrepõe à morte e ao tempo, mas que também é causa de sua autodestruição. E, ainda morto, é comparado com o diabo: “O diabo levou sua alma” – bradava ele -, “e tanto faz como fez levar também o corpo! E olhe como ele parece mau, rindo-se assim da morte – e o herege do velho pôs-se a arremedar o morto” (idem, p. 290). Assim, *Heathcliff*, é a essência bruta de todos os sentimentos, é uma alma que vive na escuridão, movido pela sombra da vingança.

Na visão de Jung, para se compreender o conceito de sombra é preciso compreender o conceito de “persona” ou “ego ideal”. Para ele, a persona é a máscara, o “eu social” consequência da educação, da moral, e das regras sociais, em que o indivíduo está inserido. Ele oculta os traços de caráter, as emoções e atitudes que são tidas como inaceitáveis pelo grupo em que ele está inserido (JUNG, *apud* HALL, 2005, p. 36).

No início do romance, *Heathcliff* é descrito como um menino enigmático, amedrontado, de fisionomia sombria e sinistra. Sua

proveniência era desconhecida, mais parecido com um zingaro. A chegada dele na Granja dos Tordos, embora menosprezado por todos, pressagia as mudanças que ocorreria no lugar e atingiriam todos os moradores.

Brontë não revela, em sua obra, o passado de *Heathcliff* antes de ser levado para a Granja dos Tordos, apenas o caracteriza como um ser selvagem, mas que ao conhecer Catherine, torna-se um ser sensível, delicado para com ela. O irmão de Catherine, *Hindley*, movido pelo ciúme de ter um meio-irmão, passa a hostilizar Heathcliff, que se torna uma pessoa cheia de ressentimentos e ódio. Esses sentimentos trazem à tona o lado obscuro de *Heathcliff*, o lado mais sombrio de sua alma. E ele não consegue se libertar dessa sombra que o atormenta e que faz com que ele passe a atormentar também a sua amada e todos que, de certa forma, estão ligados a ela.

Para Jung, a “sombra”, “Eu Inferior” ou “Id” é o centro do inconsciente pessoal, o núcleo do material que foi reprimido na consciência. (Idem, p. 42). Dessa forma, a sombra constitui-se de memórias, sentimentos e experiências que são recusadas pelo indivíduo como algo que não combina com a persona e inadequado aos padrões da sociedade. A sombra é a representação do que é inferior e negativo na pessoa.

É importante dizer que *Heathcliff*, até ser trocado por *Edgar Linton*, aparentemente, não reconhecia a sombra que carregava. Seu lado sombra só se manifestou a partir do momento que se sentiu rejeitado pela amada.

Para Jung, “[...] dos traços obscuros do caráter, isto é, das inferioridades do indivíduo que constituem a sombra, mostramos que esses traços possuem uma

natureza emocional, uma certa autonomia e, conseqüentemente, são de tipo obsessivo, ou melhor, possessivo.” (1988, p. 6). Talvez seja esta a característica da Sombra manifesta em *Hindley*, a possessividade, como fruto da carência de atenção paterna.

Jung afirma ainda que “A emoção, com efeito, não é uma atividade, mas um evento que sucede a um indivíduo.” (Idem, p. 7). As emoções sucedidas em *Hindley* afloraram sentimentos destrutivos, que causou profundo estrago a si próprio e a todos que estavam próximos dele, mas, principalmente, a *Heathcliff*, que sofreu toda espécie de humilhação e tortura emocional.

Certamente, que *Hindley* não pretendia prejudicar Catherine diretamente pelo ódio que sentia pelo meio-irmão, pois ela era sua irmã legítima e ele sentia afeição por ela.

A sombra negativa manifesta em *Hindley*, também é movida pelo ciúme da forte amizade entre *Catherine* e *Heathcliff*. Por isso, *Hindley* tenta separá-los de todas as formas, e investe cada vez mais contra *Heathcliff*, expondo-o a toda sorte de crueldade. Dessa maneira, a afirmação de Jung é verdadeira quando diz que “a causa da emoção parece provir, sem dúvida alguma, de outra pessoa”.

Até o momento em que o Sr. *Earnshaw* volta de Liverpool com o menino Heathcliff, *Cathy* (Catherine) é caracterizada no enredo dentro do padrão de normalidade inerente uma criança sadia, física e emocionalmente. Mas a partir do momento em que os olhares se encontram (de *Catherine* e *Heathcliff*), ela se encanta com o menino, não se importando com a aparência e com a sujeira do mesmo.

Catherine e *Heathcliff* vão crescendo dentro de uma relação fraternal, porém, quando já

estão crescidos, a afetividade desperta em seus corações e, movido pela paixão, desperta também o ciúme, um ciúme doentio que se torna o principal motivo para os conflitos entre os dois amantes. Os conflitos entre o casal seguem em escala progressiva, tendo como pano de fundo o ciúme de *Heathcliff* e o acovardamento de *Catherine*.

Mesmo se tratando de uma personagem romântica, a faceta de *Catherine* é de mesquinhez e arrogância. Essa arrogância serve de máscara para esconder sua falta de determinação, para vencer os desafios que a impediam de concretizar o seu amor. Dessa forma, essa protagonista torna-se também uma antagonista, pois não teve intrepidez para confrontar a sociedade e romper com os costumes da época.

Apesar de amar *Heathcliff*, *Catherine* mostra-se receosa quanto a assumir seus sentimentos. A brutalidade e ignorância do amado fazem com que ela vacile e não veja perspectiva de vida social e estável.

Diante de tanta insegurança, a heroína da história fica dividida entre aceitar ou não o amor de *Heathcliff*. Dessa forma, nota-se que o arquétipo da Sombra em *Catherine* se manifesta de forma, ora consciente, ora inconsciente, já que “a sombra contém os instintos básicos ou normais e é fonte de intuições realistas e de respostas adequadas, importantes para a sobrevivência”. (HALL, 2005, p. 42).

Assim, essa indeterminação vem mostrar que, se as diferenças entre *Catherine* e *Heathcliff* estão iluminadas, os sentimentos entre eles são sombrios.

Portanto, as imagens de sombra e luz, em *O Morro dos Ventos Uivantes*, têm um efeito de contraste que reflete nos personagens, apresenta a inter-relação plena dos personagens e o espaço, destacam os símbolos presentes da sombra, que mostram o lado inconsciente das personagens e, enquanto a luz revela o lado da consciência.

REFERÊNCIAS

- BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes: o amor nunca morre**. 2. ed. São Paulo: Lua de Papel, 2009. Título original: *Wuthering Heights*.
- HALL, Calvins. **Introdução à psicologia junguiana**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. **AION Estudos Sobre o Simbolismo de Si-mesmo**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1988.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. **Sincronicidade**, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: 34, 2000.
- Misma Racquel de Oliveira Cabral** – Professora Licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário UnirG. Atua na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, pesquisa e extensão.

LITERATURA DE CORDEL: SÍMBOLO DA CULTURA POPULAR



Por Aurea Sampaio

A Literatura de Cordel tem merecido, nos últimos anos, maior atenção e estudo, o que vem reforçar a importância dada a esse meio de comunicação popular. É um conjunto de narrativas orais que se adaptaram aos signos linguísticos locais, vivenciados pelos cantadores e violeiros, narradores de histórias. Predominou sobretudo, no Nordeste do Brasil, tendo raízes vetustas na Espanha e Portugal.

Essas narrativas ganharam impressões que levaram essa manifestação popular para um público considerável. Os folhetos geralmente são livretos que tratam de fatos diferenciados, com capas em xilogravuras, estilo de gravura usado nas capas, para se tornarem mais atrativos aos olhos dos leitores. Mas as xilogravuras não acompanharam os folhetos desde o início. Só no século XX é que as editoras começaram a utilizá-las nas capas, representando um importante espólio do imaginário popular.

Tem-se, hoje, o cordel como símbolo no mundo da cultura popular do povo brasileiro. Com característica popular,

traduz-se como meio impresso que tem sua autoria designada e que conta com a participação do público.

No Brasil, a poesia popular exerce grande poder de superação sobre as outras riquezas culturais, que são manifestadas por expressões diversificadas que preponderam como maior patrimônio da humanidade.

Podemos dividir o Brasil, em diversas regiões, e teremos em cada uma delas, nascentes em tradições, muitas ainda permanecendo fiéis às suas origens e aos sentimentos que fizeram nascer diversas formas culturais, em maior escala, o cordel. Embora todas as regiões brasileiras sejam ricas em cultura popular, a região nordestina destaca-se diante das demais, não só pela quantidade de cordelistas, como também pela qualidade apresentada em suas criações e pela variedade de temas. E quando falamos da cultura popular do Nordeste, nos vem à mente a figura do cantador, do poeta, repentista que personifica essa região.

Entre contos, fábulas, anedotas, a poesia popular ocupa lugar de destaque, por oferecer aspecto comunicativo.

De modo geral, pode-se afirmar que

é necessário pensar na divulgação e no conhecimento desse aspecto da cultura popular do nosso país, pois a mesma não se encerra apenas em folhetos, mas se estende às performances coletivas da leitura e cantoria, além de ser considerada uma das excelentes formas de comunicação e aprendizado, e faz com que o leitor tenha uma visão crítica dos problemas do cotidiano.

A Literatura de Cordel se define como os verdadeiros reflexos socioeconômicos do meio rural nordestino, onde o homem praticamente esquecido, sem orientação e largado à própria sorte, vê-se como que obrigado a uma explosão dessa natureza, para justificar-se diante da vida.

Apesar de já existir uma vasta produção de folhetos de cordel, essa literatura, cujo início no Brasil se deu no século XIX, continua em boa parte do nosso país ainda desconhecida da grande massa populacional, por causa da pouca divulgação dessa literatura. Estamos a 150 anos do surgimento desse movimento literário e hoje se vive um período de transição, passando de simples século de informação e de formação de populações no interior do Nordeste a uma cultura popular voltada para os problemas da população, tornando-se muitas vezes reivindicatória e crítica.

Há um considerável avanço da poesia nordestina, cantada em versos, por todo país, devido à migração da população nordestina aos grandes polos econômicos como: Rio de Janeiro e São Paulo. Portanto, a cultura nordestina é sinônimo, se assim podemos dizer, da cultura popular brasileira.

dos leitores utilizaram para renomear essa literatura popular muito difundida no Brasil, que hoje é conhecida como literatura de cordel. Essa denominação não era conhecida pela população nordestina da época. “Folheto” era a designação dada para os mais finos e a denominação “Romance”, era para os que tinham maior número de páginas.

Existe uma diversidade de denominações para essa literatura, que difere de região para região: “Livro de Ataíde”, um dos autores e editores de folhetos; “Estória do meu padrinho”, referência feita ao maior símbolo religioso do povo nordestino (Padre Cícero); “Arrecifes”, por ser proveniente de Recife – PE; “ABCs”, denominava-se à forma específica de alguns folhetos. Assim, eram chamados o que hoje denominamos “Literatura de Cordel”, que se justifica por serem vendidos pendurados em barbantes.

O cordel é uma forma de poesia oral e impressa, a qual se distingue das outras formas de poesia oral, como os cantadores de viola ou repentistas. As origens dessa literatura devem-se ao hábito de contar histórias que aos poucos começaram a ser escritas e disseminadas pela imprensa.

Especificadamente, a literatura de cordel remonta à Península Ibérica, cujo foco está no romanceiro peninsular, e que transladou para o Brasil pelos colonos portugueses, instalando-se em Salvador, onde se erradicou para João Pessoa - PB, hoje considerada “O berço da poesia popular”. Monteiro, poeta paraibano, descreve em versos a origem dessa literatura denominada de cordel.

Folhetos, folhetes, romances, livrinho ou livro foram as denominações que a maioria

Era escrito em folhas soltas
Logo quando apareceu

No advento da imprensa
Ganhou o palco europeu
Cantando histórias do povo
Mas foi cá no mundo novo
Que o cordel floresceu.

Por outro lado, essa literatura deu-se pela presença de conhecidos repentistas, improvisadores de versos ao som da viola, que andavam como menestrelis pelas fazendas do sertão, pelos engenhos de cana-de-açúcar, ou ainda pelas pequenas cidades do Nordeste, acessível a esse tipo de arte.

As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, transmitindo notícias de um lugar para o outro aproximando as pessoas. Reproduziam histórias, inventando casos, improvisos, repentes, desafios e pelejas entre cantadores. Júnior (1976 apud GALVÃO, 2001, p. 31).

Portanto, as origens dos folhetos nordestinos tem grande influência do cordel de Portugal que, conseqüentemente, foram influenciadas pela literatura de outros países, com o intuito principal de transmitir a sua cultura através da poesia.

A consolidação da Literatura de Cordel fez-se através da presença dos renomados repentistas que cantavam seus versos ao som da viola, andando pelas feiras, pelas fazendas do sertão onde predominavam um grande número de analfabetos, por isso se tornava obrigatória a comunicação oral. As temáticas diversificadas fortaleciam a espontaneidade dos poetas de fazerem seus

versos no improviso procurando sempre refletir a realidade do povo nordestino.

Houve também, em grande parte de nosso país, as populações que detinham um poder econômico mais elevado, e essas tinham mais contatos com os meios de comunicação social que, por sua vez, buscavam elementos de comunicação popular e misturavam as suas programações.

Todos esses fatores fizeram com que os cantadores imbuídos numa luta social se manifestassem através da sua poesia e que, a partir desta manifestação ou criação, por assim dizer, procuravam refletir seu mundo, indo ao encontro da sensibilidade de seu povo.

No Nordeste [...], por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores da formação social contribuíram para isso, a organização da sociedade patriarcal; o surgimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais; as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo das manifestações da memória popular. Júnior (1976 apud GALVÃO, 2001, p. 31).

Todos nós conhecemos as misérias causadas pelos problemas econômicos sociais do nosso país e que intranquilidades

sociais elas causaram. Nos anos de 1960 e 1980, houve no Brasil uma das maiores inflações que ocorreram em nosso país, em consequência disso houve o empobrecimento do povo que não tinha dinheiro para seu sustento, quanto mais para comprar folhetos de cordel que, por mais barato que fossem, pesavam no orçamento familiar, aí sim o cordel sofreu um abalo imenso. Esse aspecto contribuiu para que houvesse entre os cantadores de viola ou repentistas, por assim dizer, uma diversidade de temas que se tornaram foco da cultura popular. Estamos no século XXI e as produções de literatura de cordel continuam vivas na memória do povo nordestino e sendo levadas com grandeza pelos poetas cantadores aos quatro cantos do mundo.

A xilogravura é uma arte desenvolvida em diversas partes do mundo, mas no Brasil foi criada por José Bernardo da Silva, idealizador popular nordestino, no início da década de 50". Eram as impressões feitas nas capas que chamavam mais atenção dos leitores dos folhetos, pois as impressões eram feitas de acordo com os temas dos folhetos.

Os folhetos publicados por Leandro Gomes de Barros, o precursor da literatura de cordel no Brasil, juntamente com Silvino Piruá de Lima "no início do século XIX, eram considerados pelos poetas como folhetos sem capas, pois as ilustrações eram em vinhetas, pequena estampa de um livro ou ornamento tipográfico, que se presta a numerosas combinações. Com o tempo, João Martins de Ataíde, após comprar os direitos autorais das obras de Leandro Gomes de Barros, passou a usar ilustrações

feitas pelos artistas do estado, passando hoje a ser uma "modalidade artística popular".

Luyten (2005, p. 56) relaciona os grandes xilógrafos do país: "Mestre Noza, Abrão Batista (Juazeiro do Norte), José Costa Leite (Condado-PE), J. Borges (Bezerros-PE), Dila (Caruaru - PE), Minelvino Francisco Silva (Itabuna-BA), Marcelo Soares (Timbaúba-PE), Jotabarro (São Paulo), Erivaldo (Rio de Janeiro) e Jerônimo Soares (São Paulo)".

Luyten cita ainda que "...as xilogravuras só ficaram conhecidas no Brasil a partir de uma exposição feita em Paris no ano de 1965", ou seja, isso só vem confirmar por incrível que pareça o provérbio popular "santo de casa não faz milagres". Por quê? Se somos um país rico principalmente em cultura popular?

Muitos poetas se autodenominaram cordelistas e, dentre esses, surgiram grandes poetas, que levaram o cordel ao conhecimento do povo: Leandro Gomes de Barros; Severino Lourenço da Silva Pinto; Antonio Marinho do Nascimento; Antônio Gonçalves da Silva.

Leandro Gomes de Barros, precursor da Literatura de Cordel no Brasil, iniciou sua produção literária em 1889. Teve seu primeiro folheto editado em 1893. Após sua morte, em 1918, a própria família continuou editando sua obra. Leandro escreveu folhetos de grande aceitação popular. Não se sabe ao certo o número de histórias que escreveu. Calcula-se que são mais de 600 obras.

No poema abaixo, Leandro faz uma autodescrição do seu tipo físico.

A cabeça um tanto grande e bem redonda
O nariz, afilado, um pouco grosso;
As orelhas não são muito pequenas,
Beijo fino e não tem quase pescoço.

Antônio Gonçalves da Silva, com pseudônimo de “Patativa do Assaré”, nasceu no dia 05 de março de 1909 na Serra de Santana, numa pequena propriedade rural da Prefeitura de Assaré, ao sul do estado do Ceará. Patativa veio de uma família muito modesta e, por meio dos folhetos de cordel e de cantadores de viola e repentista, descobre a literatura e se encanta. Casado, pai de nove filhos, dedicou sua vida a trabalhar nos campos onde vivia.

Pelos estudiosos foi considerado um dos poetas mais famosos das últimas décadas. Sobre ele, vários livros foram escritos, além de entrevistas e artigos publicados.

Recebeu o nome de Patativa, uma ave do sertão, e Assaré por ter nascido nesta cidade. Mas o reconhecimento de Patativa foi tardio, pois a maior parte de sua vida foi dedicada ao trabalho nas plantações da terra, que herdara de seus pais. Já nos últimos anos de sua vida e com a visão prejudicada devido a uma doença popularmente chamada de dor-d'olhos, Patativa foi visto como símbolo de expressão e resistência popular. Faleceu em Assaré em 2002. Patativa do Assaré, em suas narrativas, trabalha com uma diversidade de personagens que participam dos seus poemas e são nomeados por ele de forma muito popular.

E como o cordel permite aos poetas repentistas uma variedade de temas, o mesmo não deixa de abordar em suas poesias, temas como: migrações, secas,

inundações, religioso, caatinga, além de descrever com toda clareza a vida nordestina que faz parte da literatura popular.

Fiel à sua cultura cantava a vida do homem sofredor nordestino, tornando-se mediador encarregado de traduzir a vida ao mundo exterior. Patativa cantou a poesia essencialmente narrativa, descrevendo o cotidiano do homem sertanejo. Em “A triste partida”, notamos a presença dos mais diversos temas como: a seca e as migrações.

Setembro passou,
com outubro e novembro
Já tamo em dezembro,
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre
do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

As temáticas sociais existentes na poesia de Patativa do Assaré estão centradas nas aspirações de justiça e igualdade, sem qualquer refinamento ideológico. Notamos em “A morte de Nanã”, uma realidade dramática que ele carrega em todas as suas poesias, opondo aos bens materiais a riqueza interior.

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô do meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na insisença

O que mais amou na vida.

Em muitas leituras feitas em cordéis de Patativa, notamos a presença de uma diversidade de temas característicos da literatura popular nordestina como a religião, a descrição da vida nordestina com todos os seus sofrimentos pela miséria e pela seca, caatinga, inundações e secas vividas pelos nordestinos, as migrações, como nos versos: “A triste partida”, “Emigração”,

“ABC do Nordeste flagelado”, “O poeta da roça”, “Ao Poeta João Batista de Cerqueira”, homenagem feita a Canção, “Emigrante Nordestino no Sul do País”.

Em todos os seus versos ele traz a força nas suas poesias que se traduzem no vínculo indestrutível entre o poeta e o sertão.

Aurea Maria Sampaio Teles é cordelista, graduada em Letras pelo Centro Universitário UnirG e Professora da Rede Municipal de Ensino.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, **Patativa do. Patativa do Assaré** – Uma Voz do Nordeste. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel** – Leitores e Ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUYTEN, Joseph M. **O Que é Literatura de Cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Aurea Maria Sampaio Teles é cordelista, graduada em Letras pelo Centro Universitário UnirG e Professora da Rede Municipal de Ensino.

UM OLHAR POÉTICO EM CHÃO DAS CARABINAS

Por Ane Lise Batista Furlan

No romance *Chão das Carabinas*, do escritor Moura Lima, a imagem marcante é a da violência, decorrente da luta pelo domínio das terras e poder político. Mas, mesmo neste cenário hostil, a beleza da natureza emerge significativamente exteriorizando esse fluxo de imagens que estão guardadas no imaginário, ou seja, demonstra a forma que os jagunços inventaram para falar de si mesmos e de suas participações no mundo.

A sensação de que a morte está rondando as personagens é envolta de percepções, que podem ser detectadas a partir de algumas passagens como por exemplo: “o conduziria ao inferno pelas portas do paraíso”, “a

mulher fogosa o deixou satisfeito”. Essas expressões de contentamento interior da personagem são diretamente construídas por um processo que parte do exterior, do acomodamento da personagem no espaço em que se insere, ou seja, é o espaço do seu entorno que funciona como porta de entrada para o espaço ficcional. A relação entre o externo e o interno tratada por Bakhtin no tocante a exterioridade do espaço físico:

Entre a minha percepção interna – de onde procede a minha visão vazia – e a minha imagem externa, é absolutamente necessário introduzir, tal como um filtro transparente, o filtro da reação emotivo-volitiva (...).

É a visão que obterei através desse filtro interno de outra alma, reduzida à categoria de instrumento, que dará vida à minha exterioridade e a fará participar do mundo plástico-pictural (BAKHTIN, 1993, p. 50).

Esta visão *bakhtiniana* acerca do espaço físico penetra naturalmente no campo dos espaços poéticos, segundo Bachelard, num processo que vai adentrando num mundo que conduz as personagens por um fio, transportando-as ao espaço do seu desejo mais íntimo.

Aqui, nota-se a presença de imagens poéticas ao revelar os espaços, muitas vezes oníricos - que se tornam lugares cheios de desgraças e medos, em decorrência da ganância e do mau uso do poder, pois há ali o desejo de dominar o outro, dominar o medo, a si mesmo e, outros “espaços”, que foram reproduzidos pelo autor.

Ao explorar esse campo de imagens poéticas, em determinados trechos, o narrador penetra também no domínio interior dos seres que habitam o romance, interpretando e descobrindo as projeções e limites do campo que cerca os refúgios e abrigos que constituem o real e o imaginário, conduzindo o leitor aos devaneios mais profundos do ser humano.

A habitação ou o lugar, que guarda os tesouros da vida em sua complexidade, é associado às lembranças do mundo exterior, protegidas pelo mundo interior, “o não eu que protege o eu” (BACHELARD, 1990, p. 24). Revelam-se, através de cada personagem, seus medos e refúgios, seus pensamentos mais íntimos, que estão protegidos das barbáries

ocorridas na vila (cenário), influenciando profundamente suas vidas.

As personagens abrigam-se em suas casas, em busca de segurança; mas, também, procuram abrigo nas palavras do inimigo, que lhe propõem um acordo. Julgam ser poderosos e isso lhes proporcionam um sentimento de tranquilidade, segurança. Para a análise de toda essa ambientação, vale destacar alguns elementos da *topoanálise*, proposta por Gaston Bachelard. A casa (p. 24) é o canto do mundo do homem, o seu primeiro universo, o espaço que lhe dá ilusões de estabilidade. Ela abriga, protege, abraça e acalma. É nela que o homem busca o equilíbrio e se agasalha das diversidades da vida. Para uns, a casa pode ser o próximo, ele mesmo, a vila, o rio, ou até o imaginário. Essa esfera invisível que protege contra a morte e as desgraças que permeiam o local estão envoltas por uma atmosfera sombria, quando não se sabia o que iria acontecer, nem os olhos visualizavam o perigo, quase sempre muito presente nos tumultos da existência.

A proteção dos agressores eram suas carabinas. Essas armas de fogo permitiam-lhes a sensação de segurança, de quietude, aconchego. Já os jurados de morte buscavam refúgio na palavra enganadora do seu assassino e seu subconsciente. Desse modo, estava repousando numa morada menos acolhedora. “A noite fechou-se, e das alturas resvalou a lua cheia, tingindo a pradaria de uma cor prateada” (LIMA, 2002, p. 42).

Outro elemento estrutural de grande significado na composição desse romance é o ninho - que se torna o espaço do amor. Esse ninho, em que o fugitivo adentra é “o

ninho bem quente em que os apaixonados se prometem” (BACHELARD, 1989, p. 106) e que a confiança jamais é abalada. Há, nesse devaneio, a segurança de estar num lugar protegido contra traições e emboscadas, que estavam acontecendo na vila do Peixe. No entanto, esse ninho é traído por uma figura feminina como o pássaro é traído pelo homem quando rouba seus ovos e aniquila sua morada.

A imagem de ninho está associada a algo simples, tranquilo, que se reproduz nas moradas humildes, que constituíam o vilarejo, sublimando nas personagens a vontade de voltar para casa, de poder sair da linha de fogo e regressar à sua tapera que, mesmo frágil, servia de escudo. Para Bachelard, o ninho nunca é novo, é um lugar natural onde se sonha com o retorno, como o pássaro volta com algo no bico para terminá-lo. Assim são as casas de adobo e palhas, no romance de Moura Lima que, pelo signo do regresso, permitem às pessoas a tranquilidade e a paz, no seu ninho simples e aquecido. Isso se manifesta na vontade dos personagens de que os tempos de “criança” voltem a reinar num chão que naquele momento imperavam as carabinas.

Os romances transmitem esse sentimento agradável. Esse ninho que jamais era visto como traiçoeiro.

Chão das Carabinas habita seres (personagens) que estão em guerra para se tornar o dono do espaço, mandar e ter o poder nas mãos. Essa gana pelo poder os leva a exteriorizar seus sentimentos, primordialmente a maldade e se perdem no mundo, não retornando ao seu interior. Esse interior-exterior é o verdadeiro espaço e não tem limites para defini-los, porém, os dois são íntimos. Ou como diz Bachelard: “o espaço íntimo perde toda a sua clareza. O espaço exterior perde o seu vazio. O vazio, essa matéria da possibilidade de ser!” (BACHELARD, 1989, p. 221). O espaço criado pela imaginação é vivido, sentido, saboreado em toda sua plenitude, como se existisse um equilíbrio imagético entre o perceptível e o palpável.

Ane Lise Batista Furlan é Mestre em Letras – Literatura e Crítica Literária pela Universidade Católica de Goiás, Pós-graduada em Letras pela Universidade Norte do Paraná (Unopar) e formada em Letras – Português/Inglês pela Unirg. É professora da Rede Estadual de Ensino.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A Água e os Sonhos**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A Poética do Espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: EDUNESP, 1993.

LIMA, Moura. **Chão das carabinas**: coronéis, peões e boiadas. Gurupi: Cometa, 2002.

A LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA: CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA



Por Lucas dos Santos Costa

No ensino de literatura, uma das grandes dificuldades dos alunos se concentra na leitura e interpretação de uma obra escrita, em outro contexto cultural. Ao se depararem com o conteúdo de um texto, que apresenta outra realidade, o leitor encontram diferenças nos aspectos linguístico e temáticos, que dificultam a compreensão do mesmo. Outro fator que contribui para essa dificuldade é a diversidade literária que temos, concebendo o precioso valor humanístico e ímpar a cada obra.

Todo entendimento de leitura literária está sujeito à curiosidade, ao interesse e ao prazer do leitor em desvendar o desconhecido dentro do texto. Tendo em vista que o leitor, enquanto ser humano, é um mundo subjetivo e possuidor

de singularidade que, ao entrar em contato com uma obra, se conflita com outro mundo de intenções e realidades diferentes.

Da mesma forma, a escrita literária é, por natureza, artística e subjetiva, admitindo diferentes interpretações, já que “a linguagem que a caracteriza é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura, vinculadas estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza.” (PROENÇA FILHO, 2001. p. 29). Assim, em vista da conotação na obra, surge a dúvida do leitor, concernente à interpretação.

De acordo com Ricoeur e Gadamer (*apud* SAMUEL, 2005, p.86) “só há interpretação quando houver ambiguidade e é na interpretação que a pluralidade de sentidos se torna manifesta.” É necessário dizer que

todo texto é uma comunicação e, como tal, determina uma finalidade, uma intenção para com o leitor. Assim sendo, pressupõe-se que a mensagem tem de estar clara, objetiva e coerente. No entanto, os escritores fazem uso da linguagem plurissignificativa de modo intencional, por meio dos jogos de palavras e ideias, procurando chamar a atenção do leitor, para desafiar sua inteligência. Por isso, no contexto literário, muitas vezes a ambiguidade é desejada. Ela é utilizada pelos escritores como parte da licença poética.

Por outro lado, tem-se a “hermenêutica”, a arte da interpretação. O termo vem do grego e suas raízes etimológicas, *hermeneuein* e *hermeneia*, que significam, respectivamente, interpretar/interpretação. A hermenêutica é considerada como ciência, por conter regras, que podem ser definidas e ou reconhecidas num sistema estruturalmente delineado. Também classificada como arte porque a comunicação é versátil, aceita novas circunstâncias facilmente, sendo assim, uma prática inflexível das regras será capaz de modificar e o verdadeiro significado e a coerência da comunicação.

Ainda, segundo Ricoeur e Gadamer,

a hermenêutica vê os textos como expressões da vida social fixadas na escrita, através de fatos psíquicos, de encadeamentos históricos. Sua interpretação consiste, então, em decifrar o sentido oculto no aparente e desdobrar os diversos graus de interpretação ali implicados. (Idem)

Nesse sentido, a hermenêutica é a compreensão de “si mediante a compreensão

do outro: o máximo de interpretação se dá quando o leitor compreende a si mesmo, interpretando o texto” (Idem). Ela propõe uma superação, teoria e arte, transformando a leitura em uma nova criação, através da ação reflexiva. Dessa maneira, a hermenêutica preocupa-se mais com as indagações, do que com as explicações.

Só quando compreende o sentido motivador da pergunta pode começar a procurar a resposta; temos de compreender o que se esconde por trás da pergunta. Só podemos compreender os enunciados se reconhecermos neles nossas próprias perguntas, num equilíbrio entre nossos impulsos conscientes e nossas motivações inconscientes (Idem)

A hermenêutica literária entende que a obra é como uma voz que deve ser ouvida para ser compreendida. Dessa forma, sugere um tratamento que transpasse os elementos formais e linguísticos, e esses devem ser interpretados a partir do valor humano que possuem.

Após a compreensão prévia do objeto, é relevante que seja considerado o círculo hermenêutico, para que se perceba sua importância na aplicabilidade no ensino da leitura e interpretação dos textos literários.

Sobre o círculo hermenêutico, Schleiermacher (2006) afirma que “Da mesma maneira que o todo é compreendido por referência aos indivíduos, o individual só pode ser compreendido por referência ao todo.” Assim, a compreensão que opera a níveis linguístico e temático, é circular, à medida que aborda concomitantemente o

todo e as partes. Se considerarmos que uma palavra, frase ou texto encontra significado no todo, assim como o todo depende das partes. O professor, consciente disso, deve orientar seus alunos a interpretar os textos de uma obra literária em seu contexto circular, o contexto onde habita.

A obra literária que se tornou estranha ou ininteligível culturalmente, ou até linguisticamente, com a diacronia da língua, deve ser traduzida na explicação do professor. Segundo Gadamer (1997) a própria “tradução já é interpretação”, e o professor deve ser o primeiro a fazê-la. Não se trata de forçar um clássico a ser apresentado na língua de hoje, mas sim, a ‘preparação’ por parte dos sujeitos, para lidar com o conflito de horizontes, “mais do que varrê-lo para debaixo do tapete, concentrando-nos em jogos analíticos”, diz Palmer (1969). É essa a preparação que o professor deve lograr, para que prepare seus alunos no tratamento com a obra, formando leitores que leiam com prazer por compreenderem o valor humanístico de cada obra literária.

No ato da compreensão, está o problema hermenêutico que se consiste na fusão de dois horizontes: “o horizonte interpretativo que um grande texto literário habita” e “o horizonte do próprio mundo de intenções, esperanças e pré-interpretações de um indivíduo se relaciona com ele.” É aí que aluno e ou professor entra no significado do objeto literário. É o momento da leitura e interpretação.

Portanto, que a explicação do professor dê relevância ao contexto em que a obra foi criada, considerando seu significado humano e o círculo hermenêutico – dependência de sentido entre o todo e as partes. Espera-se, assim, que sejam aproximados sujeito: professor e ou aluno e objeto: a obra literária. Tudo isso em razão do problema hermenêutico – o conflito entre dois horizontes. Por consequência, o aluno pode enxergar a literatura como valorosa e útil, que enriquece quem a compreende.

Lucas dos Santos Costa - Licenciando em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário UnirG, Gurupi –TO. lucascostalettras@gmail.com.

REFERÊNCIAS

- GADAMER, Hans-Georg. “A linguagem como médium da experiência hermenêutica”. In: **Verdade e método I**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 497- 631.
- MANTZAVINOS, CHRYSOSTOMOS. **O círculo hermenêutico**: Que problema é este? Tempo Social. São Paulo, v. 26, n. 2, novembro 2014. p. 57-69. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n2/v26n2a04.pdf>>. Acesso em: 23 março 2018.
- PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 39.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem literária**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 29
- RICOEUR E GADAMER apud SAMUEL, Rogel. **Novo Manual de Teoria Literária**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 86.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. 5.ed.Trad. Celso Reni Braida. Bragança Paulista: EDUSF, 2006.

OUTRAS ARTES

TEATRO MEDIEVAL PORTUGUÊS

GIL VICENTE, UM AUTOR À FRENTE DE SEU TEMPO

Por Elane Milhomem

O dramaturgo e poeta português Gil Vicente nasceu, provavelmente, em Guimarães, por volta do ano de 1465 e faleceu em Évora - Portugal, no ano 1536. Pode-se dizer que “sua vida se estendeu por três reinados: de D. João II, D. Manuel e D. João III”, segundo Berardinelli (1974).

Gil Vicente é considerado o criador do teatro português. Como dramaturgo, produziu muitas peças, de variados temas, de forte caráter crítico e sentido moralizante, já que seus textos retratam os valores populares e cristãos da vida medieval.

Uma de suas produções mais marcantes é *O Auto da Barca do Inferno*, uma peça de teatro satírica, que aborda o comportamento da sociedade portuguesa da época. Os personagens representam tipos sociais imbuídos de mesquinhez, corrupção e mentira.

Esse “auto” narra a chegada de pessoas que, após a morte, foram ao purgatório. Essas pessoas encontram-se com dois barqueiros, o diabo e o anjo, e após análise de seus pecados, são levadas ao seu destino final.

O cenário da peça é um porto com duas barcas: a barca do anjo, que leva as almas ao céu; e a barca do diabo, que as conduz ao inferno. Como todos estão mortos, todas



as almas estão no mesmo nível, isto é, não há divisão em classes sociais, o que aproxima o texto da realidade, pois a morte é um estado a que todos estão sujeitos, independente da condição social.

Outra proximidade se dá no próprio

juízo das almas, em que estão todos sujeitos ao mesmo critério de acusação: a depravação e corrupção dos valores morais da sociedade da época, sendo que o juízo tem o foco nas ações praticadas em vida.

Em se tratando de um “auto”, o aspecto religioso ganha destaque com as normas do Cristianismo, que busca valorizar a vida celestial, em detrimento da vida terrena. Isso ocorre no juízo de todos os personagens do *Auto da Barca do Inferno*.

Gil Vicente constrói um texto alegórico, com representação de vários seguimentos sociais e a intenção de mudar o comportamento da sociedade, moralizar. De acordo com Saraiva, “A Moralidade era um teatro alegórico, um gênero típico da sensibilidade estética medieval que convertia verdades em imagens.” (1970, p. 19-21).

A maioria dos personagens do *Auto da Barca do Inferno* vão para o inferno,

pois tiveram uma vida terrena movida pela luxúria, hipocrisia, avareza, corrupção e ganância.

Diante desse quadro criado por Gil Vicente, ainda na Idade Média, é possível dizer que o comportamento da sociedade medieval permanece modelando a sociedade atual.

Inspirado em Gil Vicente, o escritor brasileiro, Ariano Suassuna, produziu *O Auto da Compadecida*, em 1955, que retrata de um jeito bem brasileiro o juízo final aos moldes do teatro vicentino, possuindo também um cunho religioso e moralizante.

O autor do *Auto da Barca do Inferno* foi, sem dúvida, um homem com ideias à frente de seu tempo, inovando o teatro, quebrando os paradigmas da época. E a temática de seus textos são bastante atuais.

Elane Milhomem - Licencianda em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário UnirG, Gurupi –TO.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Antologia do teatro de Gil Vicente**. 2. Ed. Rio de Janeiro: GRIFO, 1974.

SARAIVA, A. J. **Gil Vicente e o fim do teatro medieval**. Lisboa: Publicações Europa- América, 1970.

Elane Milhomem - Licencianda em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário UnirG, Gurupi –TO.

A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Por Thallison Assunção

Com a popularização dos *smartphones* e a criação dos aplicativos de mensagens e de redes sociais, tirar fotos tornou-se algo comum no cotidiano. Quer seja amadora quer seja profissional, quando vemos ou fazemos algo interessante a nossa primeira ideia é logo fotografar aquilo, para registrar aquele momento.

Segundo Jesus (2016), “Foi no âmbito do movimento futurista, a partir do início do século XX, que a fotografia se desenvolveu como expressão artística”. Quando surgiu, não era bem vista pelos críticos da época, tampouco pelos pintores que até então dominavam o mais próximo dessa arte. Diziam que detinha pouca criatividade e que a fotografia era algo de baixo nível, usando-se do fato de que as fotografias eram feitas através de algo mecânico para firmar suas críticas e opiniões. Assim, a fotografia só foi reconhecida como arte no contexto das ideias do Futurismo.

Quando se trata de uma fotografia profissional, uma série de fatores são levados em conta como brilho, iluminação, sombra, nitidez, etc. Não se trata apenas de apontar a câmera para algo e apertar um botão, exige estudo, treino, sabedoria e muita criatividade.

Muitas vezes gastamos horas folheando álbuns antigos de família e nos perdemos imaginando uma época de décadas atrás, pensando sobre o quão estranhas eram as roupas e cortes de cabelo daquele tempo, sem nem imaginar que aquilo era o auge quando aquelas fotos foram captadas.



Não tão distantes temos os álbuns do casamento de nossos pais e, menos distantes ainda, os nossos álbuns de quando éramos bebês, do nosso primeiro aniversário e dos que vieram depois.

Atualmente, pelo menos entre a maioria das pessoas, não se tem o hábito de revelarmos as fotos em papel, pois as guardamos em formato digital. Dezenas, centenas e, às vezes, milhares de fotos perfeitamente divididas em pastas nos computadores, celulares, *pendrives* e até mesmo nas nossas redes sociais.

Segundo David Präkel (2012) “A fotografia é uma forma de auto expressão artística. Para muitos fotógrafos, é o lugar em que o sujeito começa e termina”. Assim sendo, a fotografia é uma forma artística incrível, que capta um momento especial para o fotógrafo ou fotografado, e nos possibilita vivenciar aquela cena outras infinitas vezes. Como diz Sontag:

(...) as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser

observado. São uma gramática e uma ética da visão. O resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que a nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens (SONTAG, 1986, p.13).

Nesse sentido, a fotografia nos permite captar exatamente o que está acontecendo naquele momento, nos permite capturar sorrisos, abraços, choros e todos os sentimentos ali presentes, eternizando-os em uma imagem. Permite-nos ver cada detalhe de uma cena, até aquelas que passaram despercebidas quando estávamos ali, vivendo aquilo que agora está registrado em uma tela. É bela, pois mesmo em sua forma mais simples e amadora nos permite reviver algo que nos fez bem, que nos marcou, nos permite sentir novamente tudo o que vimos naquele momento.

Thallison Asunção - Licenciando em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário UnirG, Gurupi -TO.

REFERÊNCIAS

- JESUS, Saul Neves de. **Artes visuais**. A fotografia pode ser considerada uma forma de arte visual, tal como é a pintura?. Postal do Algarve. Portugal. p. 6. ID: 63066643. 05-02-2016. Disponível em: < https://ise.ualg.pt/sites/default/files/recortes/postalalgarve4_05-02-2016.pdf >, acessado em: 10/03/2018.
- PRÄKEL, David. **Fundamentos da fotografia criativa**. São Paulo: G. Gili Ltda, 2012.
- SONTAG, S. **Ensaio sobre Fotografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

RESSACA DE LEITURA

DÊ-ME UM PONTO E EU, EM MICRO, CONTO!

Por Plínio Sabino Sélis²

“Olha, que coisa mais linda, mais cheia de graça [...]”, são elas que passam à minha frente: três alunas, sendo uma do Curso de Letras, que aqui vou nominá-la de Isabelle; e outra duas de Pedagogia, aqui chamadas de *Jamim e Tatiana*, e qualquer semelhança, com certeza, não será mera coincidência, de um centro universitário do interior do Estado do Tocantins; e, entre elas, uma egressa, a *Iba*, e salve, salve, então, a intertextualidade. Todos nós estávamos em um só ambiente: uma livraria da cidade; então, seguindo à tendência contemporânea deste início de século XXI escrevo sobre o acontecido em forma de microconto, enquanto uma espécie de *haiku* de cunho narrativo, que se tem definido, o mais das vezes, mas não necessariamente, pela extensão de um *tweet*. Iba disse que havia enviado uma mensagem online a mim, cumprimentando-me por um texto que publiquei na Revista Ressaca Literária, Ano 1, Nº 2, outubro, 2017 – *Breve análise do discurso em A Cidade e as Serras de Eça de Queirós*: pelo viés do recorte tecnológico e da ressaca moral, e pedindo uma ajuda sobre o entendimento acerca de Microconto, conforme Campos (2011), Rodrigues; Souza (2013), e orientação aos filhos em vias de prestar o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, conforme Brasil/ MEC, 2017. Eis os pontos.

MICROCONTO E ENEM

Iba escreveu-me (*tweetou ou facebookou*). Queria? Elogiar Ressaca Literária de 2017; e pedir: Microconto e ajuda para ENEM?

Em atenção a ela, espero, sinceramente, não dizer o suficiente, pois que é melhor do que dizer demais. Assim, para não dizer demais é melhor, então, “sugerir” como se tivesse de haver certo “silêncio” entremeando o texto, sustentando a intriga, mantendo a tensão. Espero, também, com a mesma sinceridade, que o título que escolhi não cause estranheza. Confira os pontos.

POR QUE MICROCONTO?

Texto literário hiperbreve. De três constantes: brevidade, narratividade e intertextualidade. Sabe-se lá o que é isso?

POR QUE ENEM?

Ela, casada, mãe de três filhos, em vésperas de ENEM. Eles, “perdidos”. O que prestar? O que fazer? É o ponto. Vou a ele.

Antes, porém, entendo necessário esclarecer alguns pontos do título, conforme Gomes (2016), que ora lhe

ofereço. Siga os pontos.

POR QUE PONTO?

Entendimentos: pontuação, abreviação, lugar. Figuradamente, recurso de modo abrangente, conspectivo. Então, vou ao ponto?

POR QUE “DÊ-ME” E NÃO “DÁ-ME”?

“Dá-me” digo a “tu”; e “Dê-me”, a “você”. O que pretendo é falar com você, leitor, e não com “tu”. Ao ponto...

Acerca do ENEM, apresento uma breve pauta do que microconto a ela, a elas, e a você, caro leitor. Trata-se de mudança nas provas, o que priorizar nos estudos, boa estratégia para estudar, e como tirar boa nota na redação. São os pontos. Veja.

MUDANÇA NAS PROVAS

Primeiro dia: Linguagens e Códigos e Ciências Humanas. Intervalo? Segundo dia: Ciências da Natureza e Matemática.

O QUE PRIORIZAR NOS ESTUDOS

Saberes e capacidade de articulação das áreas. Questionar? Discutir? Transformar informação em conhecimento.

BOA ESTRATÉGIA PARA ESTUDAR

Questões de provas aplicadas. Plano de estudos, preferência a conteúdos desconhecidos. Resolver, sem pendências.

COMO TIRAR BOA NOTA NA REDAÇÃO

Domínio da Língua. Compreensão da proposta, aplicando conceitos, informações e argumentos. Intervenção?

Microcontisticamente doei-me um pouco às espectadoras: *Jamim, Tatiana, Isabelle e Iba*, em duas coisas oportunas: a contemporânea produção literária – *microconto*; e informação acerca do ENEM. Provocado por uma delas, a *Iba*, pude contar com toda a atenção das demais, que não perdiam um dedo de minha prosa. Creio que foi um encontro fortuito, porém proveitoso, e elas que o digam.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Redação do ENEM 2017: Cartilhas do Participante. Disponível em: <download.inep.gov.br>, acesso em 3jan2018.

CAMPOS, Luciene Lemos de. Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro. **XII Congresso Internacional da ABRALIC**. 18 a 22 de julho de 2011. Curitiba, PR.

GOMES, João Batista. Dá-me ou Dê-me? Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa. Disponível em: www.linguativa.com.br, acesso em fev 2018.

RODRIGUES, Gisele dos Santos; SOUZA, Cristiane Santos de. **Microcontos digitais**: experiências em uma escola pública contemplada com o Prouca. EDUVALE, 2012.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



José Lins do Rego era fanático por futebol. Chegou a ocupar um cargo na diretoria do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Nelson Rodrigues, outro fanático por futebol, afirmou uma vez que “O videoteipe é burro”, quando ficou provado pênalti contra o seu Fluminense.



Os primeiros contos de Lygia Fagundes Telles foram publicados em 1938, quando a autora tinha apenas 15 anos de idade. Foi o pai da autora quem pagou a edição.



Manuel Bandeira sempre se gabou de um encontro com Machado de Assis, aos dez anos, numa viagem de trem. Na velhice, confessou: “era mentira”. Tinha inventado a história para impressionar os amigos.



O escritor catarinense Cristóvão Tezza sempre escreve a primeira versão de suas obras a mão, apesar de saber mexer no computador.

Fontes:
<http://publiki.me/20-curiosidades-literarias-que-voce-precisa-saber/>
<https://www.google.com>



Clínica Interdisciplinar Intervencionista da Dor

(63) 3312-2570 / 98409-4996

Av. Pernambuco nº 1545 (entre ruas 2 e 3) - Gurupi-TO | Reabilitar - Espaço Saúde

**EDIÇÕES
ANTERIORES**



